

Originalmente para: *No Branco do Sul as Cores dos Livros*, Escola Superior de Educação de Beja, Fevereiro de 2005.

Ana Saldanha – Linhas cruzadas nos contos *Era Uma Vez... Outra vez*

Maria da Natividade Pires*

RESUMO

Nesta comunicação faz-se uma abordagem dos livros de Ana Saldanha, da colecção *Era Uma Vez... Outra Vez*, os quais retomam situações paradigmáticas de alguns dos mais conhecidos contos tradicionais. A autora cria contextos e personagens da época contemporânea, que reflectem problemas idênticos aos que surgem nas versões de contos que conhecemos há mais de 300 anos (ainda que os conflitos concretos sejam outros), mas que continuam a fazer parte da sociedade actual e do desenvolvimento das crianças e dos adolescentes do séc. XXI.

O primeiro título da colecção, de 2002, *Um espelho só meu*, remete, em primeira instância, para o conto tradicional *Branca de Neve e os Sete Anões*, onde o espelho da madrasta é um elemento fulcral no desencadear das acções maléficas sobre a jovem princesa desprotegida, mas é outra a matriz que se sobrepõe, à medida que lemos – a história da *Gata Borralheira*.

O espelho, aqui, tem uma função mais intimista, para além da reprodução da imagem física – corresponde à fase da vida em que nos vemos através dos outros e vemos esses outros através de um olhar unívoco, sem capacidade de relativização.

Em *Um espelho só meu* a temática não é nada amena – a protagonista sofre com a reorganização familiar, a violência da morte, o trauma da criança que perde a mãe e tem de se integrar na nova família que o pai constitui, e que inclui duas filhas da nova mulher – este quadro tão actual, afinal, não podia ser mais próximo do modelo tradicional da história da *Gata Borralheira*. Aliás, a autora não perde uma única oportunidade de salientar essas proximidades.

Surge até uma madrinha, amiga do pai, que fora amiga da mãe e, novidade, é amiga da nova mulher do pai!... Mas é essa madrinha que encontra Clara por acaso num Centro Comercial e lhe oferece uma roupa nova que levará à discoteca.

*Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Margarida, a madrinha, tem “cabelos muito negros (um negro brilhante, com tinta num tinteiro de vidro) severamente afastados da testa alta e apanhados atrás” (2002:77) e não podia ser mais diferente da figura física da “fada-madrinha”.

O novo conjunto “É um encanto!” diz a empregada da loja, e Clara “Parece mais velha, mais sofisticada”, (idem: 79) Ao experimentar umas sandálias prateadas, com contas de vidro, Clara “acena com um pé minúsculo” (p. 80) “– Não te parecem – pergunta [a amiga] Inês – os sapatos da Gata Borracheira ?”

A madrinha “tira um cartão de crédito que acena, como varinha mágica ...” (p. 80).

Raquel, a mãe de Inês, é, para Clara, outra substituta da mãe. Ela é compreensiva, bem-disposta, acolhe Clara lá em casa com se fosse filha e diz-lhe, quando a vê com a toilette nova, “Pareces saída de um conto de fadas [...]. Estás linda!” (p. 90).

Além disso, Raquel é uma companheira bem-humorada – aborrecida por ter de cumprir deveres sociais, recebendo lá em casa um casal com quem não simpatiza, diz ironicamente:

“– Meninas levam-me com vocês? [...] Eu vou buscar a abóbora à garagem para vos levar ao baile, está bem?” (p. 91)

Esta é a parte mais bonita da história ...

Em casa de Clara, Florbela é a típica madrasta dos contos tradicionais, protegendo em particular as suas duas filhas, cujos diminutivos, Mimi e Lulu, dispõem o leitor para uma certa imagem negativa e mimada das adolescentes. As quais, aliás, chamam *Gata Borracheira* a Clara, isto sempre ironicamente e chegando a criticá-la por não arrumar a casa como deve. Podemos considerar excessiva esta “colagem” às situações do conto tradicional, quando, na sociedade actual, existe uma forte preocupação social, cultural e de enquadramento psicológico destas reorganizações familiares de forma mais equilibrada. No entanto, também podemos encarar estas situações como a representação de realidades que não desapareceram e considerar que a autora recusa claramente uma atitude politicamente correcta, recusando-se, portanto, a escamotear os sofrimentos emocionais que todas as alterações dos equilíbrios familiares implicam.

Regressando ao momento em que as duas amigas se preparam para ir à discoteca, a autora propõe dois finais alternativos, o que, aliás, é uma outra forma de se manter perto das manifestações tradicionais de um conto – existem várias versões, que podem resultar de factores diacrónicos ou sincrónicos, de variações culturais, regionais, de tabus sociais ou de preferências do contador (condicionadas, eventualmente, pelos factores anteriormente referidos).

Um dos finais de *A chover lá fora* é como que a prova pela qual a heroína tem de passar, para comprovar a sua maturidade – primeiro deixa-se envolver no ambiente que a atrai para o álcool e a droga, mas recua a tempo e no dia seguinte, quando acorda em casa de Inês, tem a cabeça à roda, verifica que se estragaram as sandálias (*por acaso*, uma das filhas da madrasta pisara-a e depois uma sandália ficara presa no alcatrão da rua).

Clara lamenta que não fossem de cristal, nem de pele, mas acaba por rir, comentando:

“– Pois. Assim, não vem o príncipe ver se encontra a bela desconhecida”.

É o dia dos seus quinze anos, a amiga dá-lhe os parabéns e a última frase da história, dita pela mãe da Inês é pacificadora:

“– Anda lá, bela adormecida – diz a Raquel. – Levanta-te. O teu pai telefonou. Vem buscar-te à uma hora.”

O outro final alternativo é bastante mais violento, já que Clara sucumbe à atração pela bebida, pela droga, fica também com as sandálias de vidrinhos estragadas, mas, pior que tudo, vai parar ao hospital, sem sentidos, e quando acorda sente-se mal e abandonada. Há, no entanto, um laivo de conforto, quando a enfermeira lhe diz, encerrando a diegese:

“– É verdade – diz, como se só agora se lembrasse de um pequeno pormenor. Sorri. – O teu pai tem estado sempre lá fora, desde as três da manhã. Ele disse-nos que tu fazes hoje quinze anos. Parabéns!”.

Em *A princesa e o sapo*, a evolução da diegese é completamente inversa em relação às versões tradicionais.

Diana, a menina rica, protegida, convencida da sua superioridade, desdenhosa, é princesa apenas nos olhos do pai e do amigo Afonso que a conhece desde pequenino, mas uma nova experiência num acampamento, em que Diana critica sempre tudo, leva Afonso, a quem ela sempre chamara Sapo, a deixar de a ver como princesa e o “Sapo” transforma-se na verdade num príncipe, mas para uma outra adolescente do grupo – “Na penumbra do corredor, o Afonso olha para Camila e vê por fim a sua princesa”. (p. 106).

Nesta história há uma forte caricatura de uma educação pequeno-burguesa, que pretende mostrar cultura pelo que se vê – como os livros nas estantes, para decorar a casa. O pai de Diana é o “Rei dos Trezentos”, aludindo-se à cadeia de lojas de artigos feitos em série, de baixos preços, que invadiu Portugal desde há alguns anos. A jovem pertence, assim, a uma nova camada social emergente, comportando-se de forma arrogante perante todos os colegas, pelo dinheiro que o pai ganha com este negócio e que lhe permite ter muitos bens materiais que alguns colegas não têm.

O final desta história deixa em aberto a capacidade de Diana fazer o seu percurso de amadurecimento. Apenas sabemos que ela mantém a mesma atitude até ao fim e a última cena que vê é Afonso (o *sapo* transformado em príncipe) a beijar a sua nova princesa.

Claro que a terceira história, *Nem pato, nem cisne*, nos recorda inevitavelmente *O Patinho Feio*.

Eugénio, o protagonista, desde bebé que é visto pela família como um estranho, pela falta de semelhanças físicas seja com quem for (p. 22-23). A situação vai agravar-se à medida que ele cresce porque é uma criança, e depois um adolescente, desastrado que leva o tempo a partir coisas sem querer, a bater nas esquinas das mesas, etc..

A avó repreende:

“– Que desajeitado, o Eugénio!” (p. 26), a prima Natália comenta:

“– Que trapalhão!” e ainda acrescenta “E poltrão, ainda por cima!”

Uma discussão entre Eugénio e a irmã leva a prima Natália a comentar “são como o cão e o gato [...] são como eu e o meu irmão Jaime [...]” (p. 27). Ora, este irmão morrerá há anos, ninguém se lembra bem dele.

Entretanto Adélia, a mãe, casara segunda vez com João Miguel, dentista e fotógrafo amador e cinéfilo. Nascera outra irmã, Ema, e a diferença de Eugénio acentua-se à medida que os anos passam: “Realmente, o Eugénio destoa entre as duas irmãs.

A Genoveva tem agora dezasseis anos, e é um cisne enfarruscado: morena, graciosa, esguia, com uns modos e uma maneira de olhar (...) que lembram palavras antigas (...). A irmã mais nova é também um cisnezinho escuro (...)” (p. 31).

O tempo passa, Eugénio faz treze anos e a prima Natália, cada vez mais desmemoriada, internada no Lar, quando Eugénio a vai visitar com a avó Maria Francisca, esquecendo que Eugénio nasceu em Portugal e não no estrangeiro (os pais viveram na Irlanda e ela mistura Irlanda com Holanda e outros países), comenta:

“– Aquilo, no estrangeiro, acontecem coisas que não lembram a ninguém [...] Ai, não, não acontecem! Lá o trocaram na Maternidade lá no estrangeiro, no Uganda. Feioso... Sai ao meu lado. O meu pai era um homem feio, grande, gordo... E ao meu irmão! Ao mano Jaime!

– Essa é nova, prima! – admirou-se a avó Maria Francisca. – Ao seu pai? Ao seu irmão? Nunca tinha dito. Olhe que eu vou perguntar ao Ricardo. Ele deve lembrar-se do seu paizinho. Se calhar ainda tem por lá alguma fotografia da família.

A casa dos avós é, de certa forma, um refúgio para Eugénio, sobretudo o escritório: “Não que ele seja grande leitor. Mas naquele túnel estreito e comprido com as paredes forradas de livros tem tido revelações e encantamentos.

Ali, ao colo da vovó, ouviu ler alguns contos de fadas pela primeira vez. O livro era grande e tinha umas ilustrações tão vivas que até davam vontade de acompanhar a menina do capuchinho vermelho à casa da avó, entrar na carruagem com a Gata Borralheira e correr atrás dela, ao fim do baile, para lhe devolver o sapatinho de cristal.

– Eu, quando for grande – anunciou o Eugénio -, vou casar com a Capuchinho Vermelho.

Ficou amuado quando a avó se riu.” (p. 55-56)

Eugénio anda entusiasmadíssimo porque vai passar as férias à Irlanda, a casa de uns amigos da mãe.

No entanto, as férias não irão corresponder ao que ele esperava, já que a casa dos amigos irlandeses fica numa zona isolada e Eugénio não sabe como ocupar o tempo.

Ao nível da estrutura da narrativa encontramos a inserção de informações científicas da área da biologia que aparentemente são como que um enxerto, mas que se vão insinuando como prenúncio de algo que não está explícito na história mas que se irá descobrir como algo subjacente.

Vejamos: Eugénio é o Patinho Feio, no entanto, antes da história começar, temos uma informação científica sobre a cegonha branca, na p.11, e antes da partida do protagonista para a Irlanda, temos uma informação histórica sobre os “Gansos Bravos”, designação dada aos principais chefes dos clãs irlandeses que esperavam obter apoio para reconquistar a sua terra aos ingleses, rendida ao exército da Rainha Isabel I no início do séc. XVII.

Ora, um dia, os amigos irlandeses, Jay e Eilish decidem dar um passeio de barco, levando Eugénio e James, um rapazinho irlandês, neto de uma amiga do casal, Camilla Bolter (alertamos, aqui, para o trocadilho de nomes, *James*, que lembra o tal tio James ruivo como Eugénio, e o nome *Camilla Bolter*, extremamente semelhante ao de uma célebre e polémica personagem ligada à actual família real inglesa). James parece saber tudo sobre tudo. No entanto, antes do início do capítulo que antecede o passeio de barco, introduz-se a canção infantil portuguesa “Todos os patinhos / sabem bem nadar / sabem bem nadar, / cabeça para baixo, / rabinho para o ar”, etc. – o que neste momento narrativo parece despropositado, vai ganhar um forte sentido simbólico, momentos mais tarde. Vão os quatro passear de barco, param no meio da ria e, ao fim de algum tempo, Jay pergunta aos rapazes se querem dar uma volta de bote na ria. Eugénio fica entusiasmadíssimo (e aqui convém lembrar algo que um dia, ainda antes de andar na escola, Eugénio dissera “Eu vou ser marinheiro!” (p. 22).

Por sua vez, agora Jay comenta: “O *Eugene* é um autêntico marinheiro! (...) É de um país de marinheiros famosos. *Vasco di Gama, Magellan...*” (p. 88). Afinal, o passeio, que começa muito bem, vai-se tornando alarmante porque um nevoeiro leitoso cada vez se adensa mais e os rapazes perdem a noção do sítio onde estão. A certa altura Eugénio cai borda fora, mas Eugénio tenta manter-se calmo e continuar a nadar até chegar ao barco; afinal chega, julga ele, a uma ilha. Está gelado, mas tem de se mexer para manter algum calor, caminha, enche-se de coragem para encontrar um abrigo para passar a noite. Apesar de ferido, começa a correr quando julga avistar uma casa, mas o seu desespero não o impede de se preocupar com James e vai sempre pensando no que lhe terá acontecido. Finalmente, ao longe, avista um carro...

No capítulo seguinte, e último também, é narrado já com Eugénio de novo em Portugal, uma visita que faz com a avó Maria Francisca à prima Natália. Esta, ao olhar pela janela, vê que:

“O repuxo, a gorgolejar os últimos jorros do dia, apanha desprevenido e salpica um visitante do Lar, que se esquiva com um gesto gracioso. É um jovem alto, de calças beges e *sweat-shirt* da cor de mel escuro. Enquanto caminha para a porta da frente, passa a mão livre pelo cabelo sedoso, de um louro avermelhado, com uns fios mais escuros nas fontes.”

Eugénio conta as suas aventuras na Irlanda à menina Conceição, funcionária da Casa de Repouso, e esclarece que afinal fora parar, nadando, a uma península e quando o interrompem, ele, ao contrário do que acontecera meses antes na sua festa de anos (em que todos o interrompiam e ele calava-se) continua contando as suas aventuras, a ponto de levar a menina Conceição a comentar: “Está outro, o Eugénio” (p. 108).

Ora, imediatamente antes deste último capítulo, a autora inserira uma quarta informação científica sobre o cisne – simbolicamente, portanto, o patinho feio transformara-se em cisne, algo já anunciado antes do início da história, com a informação sobre as cegonhas – aves que também se erguem no ar e fazem longas viagens.

A menina Conceição elogia “Que mudado que está o Eugénio! Eu nem o conhecia [...] Que estampa!” (p.107).

Para completar a conquista não só da sua própria personalidade, mas das suas heranças genéticas, Eugénio terá uma surpresa final. A prima Natália volta a exclamar que ele lhe faz lembrar o irmão, “Chapadinho!” (p. 110).

E agora, justifica-se apresentar aqui as últimas linhas desta história:

– Sabe uma coisa, prima Natália ? – diz a avó Maria Francisca. – Tem toda a razão.

O queixo bicudo da prima Natália descai com a surpresa. Ela não está habituada a que concordem com o que diz.

– O meu irmão Jaime... - balbucia.

– O seu irmão Jaime. Tem toda a razão – diz a avó Maria Francisca, enquanto abre a malinha de mão.

Com um revirar mágico do pulso, retira um cartão dobrado, do tamanho de um postal.

– Surpresa! – diz. Eugénio, o vovô encontrou esta fotografia nos papéis dos Odonel.

O Eugénio pega no postal. Abre-o. Colada ao cartão, está uma fotografia com as arestas recortadas e protegida por uma folha fina de papel vegetal. No canto inferior direito está a dedicatória, escrita na diagonal a tinta permanente: *Ao meu querido priminho Ricardo, com a amizade do primo Jaime.*

– Mostra à prima – diz a avó Maria Francisca ao Eugénio, que olha para a fotografia de boca aberta. – Mostra à menina Conceição.

– É a cara chapada! – exclama a menina Conceição.

A prima Natália pega na fotografia.

– É o mano Jaime!

É o Eugénio

Será o Eugénio, daqui a meia dúzia de anos, se vestir casaco, colete, camisa de colarinhos duros e gravata, puser brilhantina no cabelo e deixar crescer um bigode fino e arrebitado nas pontas.” (pp.110-111).

Assim, a personagem vai finalmente reencontrar-se consigo própria, com o seu clã, deixa de estar deslocada, de ser um elemento estranho, e depois de ter conquistado por si próprio uma certa autonomia, encontra finalmente as suas raízes familiares.

E refira-se, agora, a terceira informação de carácter científico que fora incluída extra narrativa diegética, quando Eugénio fora visitar o avô, meses antes: um quadro com as “Leis de Mendel”, retiradas de um Compêndio de Biologia, onde o avô Ricardo colabora, que apresentava as Leis da uniformidade de caracteres, da separação ou disjunção dos caracteres e da independência dos caracteres (p. 29). É como se Eugénio se reconciliasse também com a ciência, visto que nele se manifestam características genéticas que a investigação científica tem comprovado.

A casinha de Chocolate ou *Hansel e Gretel* chega-nos através de *Uma casa muito doce*. Os nomes das duas crianças protagonistas são emblemáticos: Maria e João. Só gradualmente, à medida que a história se desenrola, vamos percebendo a sua relação com Dulce, a dona da casa onde estão, casa essa onde a confecção de bolos, chocolates e a comida de uma forma geral, ocupam muito do interesse e tempo da dona da casa, que tem uma enorme preocupação com o facto de Maria não comer – alerta-se aqui para o problema, tão actual, da anorexia.

Também só gradualmente percebemos qual a relação familiar de João e Maria, filhos, afinal, do marido de uma antiga empregada de D. Dulce. Inicialmente, o leitor que conheça a história tradicional cria uma expectativa negativa em relação a esta personagem, agravada ainda pelo facto de aparecer um vidro no bolo feito por Maria, o que pode indiciar uma atitude de agressão ou de defesa.

Esta expectativa negativa ir-se-á diluindo.

As reacções de Maria, no entanto, apontam para um contexto ameaçador. Diz ao irmão, quando lhe leva o lanche: “As Bruxas estão lá em baixo” – as bruxas, são as amigas de Dulce, a Madrinha, Zulmira e Ivone, professoras reformadas. Ora, do lanche não faz parte o bolo de chocolate e quando João pergunta por que razão a irmã não lhe trouxe uma fatia, ela responde: “– Fazia-te mal – diz a Maria – Não comas bolo de chocolate, ouviste? Se quiseres mais alguma coisa, vai buscar um pacote de bolachas. Não comas bolo. Estás proibido. Ouviste?”

Fica, assim, no ar a dúvida sobre se o vidro encontrado numa das fatias terá sido um descuido ocasional ou intencional ...

Maria continua a chamar bruxa à Madrinha, profetizando “Nas histórias, as bruxas acabam sempre mal.”

Não falta até um gato, neste contexto – o Príncipezinho, a quem Zulmira chama Príncipe das Trevas e Ivone diz que ele é tão negro que lhe faz lembrar um casaco de veludo que tivera há uns anos. No entanto, este animal inseparável das bruxas, neste caso, tornou-se inseparável de Maria. Por isso, pouco depois de ela ter saído da sala para o quarto do irmão, lá vai, miando, ter com Maria.

A situação das crianças clarifica-se na conversa de Dulce com a empregada da farmácia. Ela explica que Aurora, antiga empregada, casou, ela foi madrinha de casamento mas discordando da opção de Aurora, já que “nem ao menos têm posses para criar o Joãozinho e a Maria em condições. [...] Lá no meio do monte ... Para irem à escola tinham de andar uma hora de camioneta” (p. 43).

Depois de três meses em casa da madrinha, as crianças vão passar as férias da Páscoa à casa do pai e de Aurora. Nesta fase da narrativa linear, altera-se a estrutura narrativa, socorrendo-se a autora, frequentemente, de analepses.

A primeira acontece quando, já na estação, à espera do comboio, Maria olha para um cartaz na parede que lhe recorda a casa do pai. Entre outras coisas, lembra uma conversa entre Ramiro, o pai, e Aurora. Perante as dificuldades económicas, esta sugere que enviem as crianças para um colégio. Ramiro diz que o tal colégio é um orfanato e revela preocupação com os maus-tratos e a pedofilia, trazendo a lume problemáticas de sempre mas que actualmente têm ganho uma enorme relevância nas preocupações familiares e institucionais. Mas Aurora insiste, desempenhando “à letra”, o papel da madrasta da história de *Hansel e Gretel*, e um dia as crianças são mesmo enviadas para um colégio.

Nesse dia, a caminho da camioneta que os levaria à estação de caminhos-de-ferro, “A Maria escondia a sua mão na mão grande do pai”. Já no comboio, João fica na plataforma entre as carruagens e vai atirando os berlindes que guardava no bolso para a berma da linha.

Um passageiro ameaça-o e o pai tira-lhe os berlindes ainda antes de o comboio partir – de novo uma situação que reproduz de forma mimética a da história tradicional, onde o rapaz deixa miolos de pão no caminho, depois pedrinhas, para tentar reencontrar o caminho de casa.

Apesar de se frisar que as crianças foram na realidade para um colégio e não para um orfanato, e serem dos melhores alunos, elas choravam continuamente, faziam planos de fuga e acabaram por provocar um incidente no laboratório de Química que originou problemas graves, um fogo, e onde alguns professores sofreram lesões físicas.

O pai é chamado para os ir buscar e revolta-se contra a mulher que o convencera a deixar as crianças no colégio, considerando até que a experiência funcionara como uma prisão para os seus filhos.

“No quartinho ao lado, a Maria e o João ouviram-no censurar a Aurora, ralhar à Aurora, berrar à Aurora.

– Não são teus, é o que é! Maldita a hora em que te conheci – rematou o Ramiro.

– Desta vez - segredou a Maria – o paizinho não deixa que ela nos mande embora.

O João abriu a boca para responder; mas não chegou a falar. A voz de Aurora, assobios de pássaro engaiolado, estridente e estericamente alegre, ergueu-se:

– Já sei! Eu falo à Madrinha e eles vão lá para casa. Há uma escola nem a dez minutos. E ela foi professora, pode ajudá-los nos estudos.” (p. 64).

Aurora “leva a melhor” e as crianças vão efectivamente para a casa da Dr.a Dulce. No dia em que ficam lá “o João reprimia os soluços, a Maria trincava o lábio. Abraçado aos dois filhos, o Ramiro olhava para as pontas esfoladas dos sapatos. Estavam os três calados, encolhidos sob o chuveiro de palavras de Aurora.” (p. 70).

Todos estes episódios são apresentados em alternância com os momentos da viagem de comboio, que as crianças fazem, de regresso a casa, nas férias.

Ora a casa da madrinha, que em muitos momentos é apresentada como ameaçadora, apesar da antítese que isso estabelece com todas as atenções que Dulce tem para com as crianças, traduzidas sobretudo na preocupação com a alimentação e sobretudo no prazer que tem em oferecer-lhes doces, surge, finalmente no capítulo 6, ainda em analepse, verdadeiramente como o espaço alternativo à miséria da casa dos pais.

O título deste capítulo, “Com amor e chocolate”, elimina qualquer dúvida sobre as intenções da velha senhora, que não são, claramente, as mesmas da bruxa do conto tradicional. Assim, a doçura dos ingredientes, das guloseimas, que quase invadem as cozinhas, as dispensas, os móveis da sala é uma metáfora para a doçura dos sentimentos que se vão desenvolvendo, por oposição à revolta e agruras do outro espaço rural e pobre.

As crianças começam por ser convidadas a ir à cozinha e há um pormenor importante que é referido: “Ao lado do fogão, que tinha dois fornos e seis bicos, estava um caldeirão muito negro de três pés.” (p. 71).

“– É como o caldeirão do João Ratão”, comenta o menino, mas esse objecto que pode ser assustador é tornado alvo de brincadeira pela pseudo-bruxa (Dulce), que acrescenta: “... cozido e assado no caldeirão. Mas eu não vou usá-lo para cozinhar. Vai ser para pôr flores, uma espécie de vaso.” (p. 72).

E a doçura dos sentimentos que começa a despertar entre as personagens (ainda que retraído e renegado, até, por parte de Maria) junta-se a doçura sensorial, gustativa – Maria entra na despensa e vê prateleiras “carregadas de pacotes de bolachas, latas de frutos em calda, de leite condensado e evaporado, frascos de compotas e geleias, taças de marmelada, garrafas de leite com chocolate, refrigerantes, licores de groselha, framboesa, banana, mel.”

Este acumular de alimentos doces continua no aparador da sala, também cheio, e transfere-se para a doçura/conforto da decoração “A casa de Dulce era um *palácio*” – os tapetes são *fofos*, o sofá é *rechonchudo* e de um tecido *aveludado*, a cama é um *ninho confortável*.

Voltando ao presente da diegese, as crianças terminam a viagem de comboio e chegam à aldeia do pai (viagem durante a qual a narrativa foi sendo sempre alternada entre o presente e vários momentos do passado). A narradora coloca-nos de imediato perante um diálogo entre Maria e o pai que demonstra a transformação sociocultural da Maria: “Paizinho, não me chame Miquinhas, está bem? Chame-me Maria” e, quando Ramiro comenta “– Por mim [...] cobria Portugal de lés a lés de cliques”, Maria murmura “Eucaliptos” e, mais alto, diz “– Os eucaliptos secam o solo” – há portanto, uma outra linguagem que ele usa e um conhecimento da própria realidade que vai além das referências culturais do pai. Noutro momento, olhando a casa do pai da encosta do monte, considera que vê “um cenário de agonia”, com água quente racionada, sem um espelho de corpo inteiro, etc.. Mas, a sua maior preocupação relaciona-se com o medo de engordar enquanto está na aldeia. Sentindo-se completamente desenquadrada, Maria tenta desesperadamente contactar pelo telemóvel a Madrinha Dulce. Não se explicita porquê, mas pressupõe-se que a angústia e a fragilidade física “Maria sente as pernas a tremer e um calor na cabeça...”.

E tudo acaba bem, afinal!

No último capítulo, “Tudo em família”, as crianças e Aurora regressam a casa de Dulce para aí viverem e com a possibilidade de Ramiro os visitar sempre que queira.

Mas tão importante como este regresso à união é a conquista de auto-confiança que cada personagem alcança: Dulce aceita que não deve viver sozinha porque desmaiara enquanto as crianças estiveram de férias e quase morrera queimada devido a uma fuga de gás; Ivone, assume uma nova segurança, sem se deixar intimidar por Zulmira, como era hábito, confessando que começara a hidratar a pele para se sentir melhor consigo própria e, corada, não nega a sua atracção pelo engenheiro, vizinho de Dulce; João começa a perder peso, fazendo dieta; Maria, pelo contrário, vai à consulta de nutrição e começa a ultrapassar o problema da anorexia; Aurora orgulha-se de Maria e esta, no regresso a casa da madrinha com a madrastra, encara esta última de uma nova forma “... madrastra (mãe, mais que mãe, que a verdadeira ninguém sabe dela ...” (p. 107).

Finalmente, a força de vontade e maturidade de Maria são postos à prova: o senhor engenheiro oferece uma caixa de bombons. E Dulce diz: “– Maria, ficam a teu cargo.” E a história encerra com esta frase: “A partir de agora, a Maria é a guardiã das doçarias nesta casa de doçuras.”

Finalmente, abordo *O Gorro vermelho*.

Naturalmente, pelo título, a imagem do *Capuchinho Vermelho* impõe-se-nos. A história começa, no entanto, num contexto muito diferente – um diálogo entre jovens à saída de um centro desportivo. Segue-se a passagem para o contexto familiar de um destes jovens, Sofia, e a um conjunto de referências aos vizinhos do prédio, entre eles o senhor Guará, sempre calado e reservado, ao contrário da mulher, a D. Rosário, que “não perde uma oportunidade de disparatar” (p. 16). Num impulso de simpatia e boa vizinhança, Carolina, a mãe de Sofia, um dia até convida os vizinhos a acompanhá-los às piscinas municipais para verem uma prova de natação em que Sofia participa. O pai de Sofia conta que o Senhor Guará é esquisito e ela responde que “o senhor Guará nunca fala (...) – só rosna.”

Um diálogo entre Sofia e a mãe chama a atenção para os perigos da cidade e da inocência de Sofia, que deixa sempre a mãe preocupada quando chega tarde.

Um dia, em que a mãe prepara o cesto com o jantar para a avó, hesita em dizer a Sofia para o levar porque começa a escurecer.

Durante a conversa sobre o assunto, Sofia olha pela janela e vê o senhor Guará a puxar o lustro ao carro, o celebre Ford Capri vermelho, uma relíquia! De tal forma que o senhor Guará até vai de autocarro para o emprego!

Sofia convence a mãe a deixá-la ir a casa da avó, mas Carolina, que lembrara as notícias sobre um hipotético lobisomem que andava a assustar as pessoas, avisa repetidamente para não ir pelo parque. Sofia sai com um gorro vermelho que escolheu de entre a sua enorme colecção de gorros, bonés, barretes, chapéus e lenços de cabeça, de todos os tecidos, cores e feitios (não é, portanto, um especial e único como o do Capuchinho, mas também foi a avó que lho deu).

Quando sai diz “boa tarde” ao senhor Guará e acaba por decidir ir mesmo pelo parque. E decide até colher umas flores nos canteiros!

Então, houve atrás de si uma voz ofegante que lhe pede desculpa – trata-se de um homem que corre, arrastado por um cão enorme. As mãos são morenas e peludas e usa unhas compridas e limadas em bico.

O cão chama-se Wolf e desenvolve-se uma conversa entre Sofia e o homem semelhante à do Capuchinho Vermelho com o lobo. Todos os indícios são fortíssimos para a criação do horizonte de expectativa do leitor. Sofia tenta pôr fim à conversa, mas o homem insiste e “passa a mão peluda pelos lábios”.

Sofia afasta-se mas quando chega perto de casa da avó avista de novo o dono do Wolf. De casa da avó vêm sons esquisitos e ela não responde ao chamamento de Sofia. Esta supõe que a avó, que tem fascínio por programas de animais na televisão, estará a ver algum sobre lobos, hienas, etc. Na altura em que tenta saltar o muro porque a cancela está fechada, aparece de novo o tal homem e, de repente “as mãos do homem, em garra, agarram-na pelos ombros.” (p. 85). Sofia pede socorro, mas a mão peluda do homem tapa-lhe a boca:

“– Caladinha! – rosna ele – Quieta e caladinha! Se estiveres quietinha, não te acontece mal nenhum. Vocês, eu sei bem o que querem... Raparigas novas, de umbigo ao léu, a provocar...” (p. 85).

De repente começa a gritar: “o gorro vermelho? (...) Para que tiraste o gorro?” e sorrindo de lábios arreganhados rosna “se eu te largar prometes que não foges? Prometes que pões o gorro?” – Ora, encontramos aqui uma situação extremamente complexa, não só de agressão sexual brutal mas de um desequilíbrio fetichista que está muito além da compreensão da criança/ jovem leitor...

Sofia consegue fugir e, para seu grande alívio,

“Um carro vermelho de capota preta trava a fundo, com um chiar de travões que parece um rugido gemente de um leão mortalmente ferido.

– Senhor Guará! Que sorte! – diz a Sofia abrindo a porta do lado do passageiro.
– O senhor não se importa de me dar boleia para casa?” (p.89).

Ora, quando Sofia entra para o carro, o senhor Guará *arreganha-lhe os dentes* e com a *mão em garra* sobre a alavanca das velocidades, mete a primeira e arranca em grande estilo” – trata-se de um momento inquietante, já que num capítulo intercalado neste percurso de Sofia, os pais começam a estranhar a demora e o pai lê uma notícia no jornal onde se refere que o tal estranho lobisomem fugira num Ford Capri de capota preta. A inquietação aumenta quando Sofia insiste em que quer ir para casa da avó e o senhor Guará, *vizinho e conhecido*, se dirige noutra direcção.

Por uma coincidência feliz, o motor do carro parece ter falhado e quem passa na rua é Joel, o amigo de Sofia, de carro com o pai. Estes ajudam o senhor Guará mas ele “Está pálido e caem-lhe bagas de suor pela testa luzidia” (p.94). Ora, perante esta assustadora ambiguidade da situação, Sofia e a família revelam uma enorme incapacidade de aceitar que o terrível, o desumano possa estar tão perto deles... Diz Sofia, quando estão todos reunidos em casa da avó:

“– Tive uma sorte! (...) Se não fosse o senhor Guará passar naquela altura...”
E apesar de Joel insistir que o vizinho é um bocadinho esquisito, o pai de Sofia diz:
“– Temos de lhe agradecer (...) se não fosse ele, não sei o que seria da minha pequerrucha” (p. 94 – 95). E então, ouve-se a voz da avó: “- A floresta da inocência”.
A filha, segredando que é triste esta falta de memória, responde mais alto:
“– O Parque, mãezinha. Lembra-se? O parque. Não é floresta, é parque”.
– “A Floresta da Inocência”. Eu sei do que estou a falar. É um documentário – diz a vovó, acenando com a revista do programa de televisão – sobre lobos. Andam sempre a repeti-lo.”

E esta é a frase que encerra a história.

Ora na memória da avó permanece algo que os outros não valorizam mas que estabelece uma ponte entre um imaginário tradicional, profundamente ancorado em vivências reais e que se verifica continuarem a ser contemporâneas. Esta última história é extremamente subversiva e assustadora. Considero que se diferencia significativamente de todas as outras, sobretudo pelo final ambíguo e pela imagem de uma sociedade em que o perigo está latente e pode surgir de onde menos se espera.

O final é apenas aparentemente um final feliz ou é-o temporariamente ... Nada nos dá segurança, ao contrário do que acontece nas outras histórias – e tudo isto se torna mais complexo pela inconsciência que a personagem tem dessa situação. Apenas a avó, considerada de cabeça transtornada, tem, afinal, a percepção, ainda que confusa, da realidade.

Deixo então, para reflexão, algumas questões:

Será que todas estas histórias da colecção “Era uma vez ... outra vez” são para crianças? (Mesmo sem esquecer a questão das fronteiras fluidas ...).

Será que a sua colagem de forma repetida, por vezes exaustiva, a certas situações-tipo dos contos tradicionais não boicotam, em parte, a sua actualização?

Será que as crianças, se não conhecerem os hipotextos, conseguem fazer uma leitura tão rica de sentidos, *de intertextualidades*, como parece estar subjacente aos interesses da autora?

São algumas questões que, creio, estes contos nos colocam e nos podem ajudar a crescer nesta reflexão sobre a herança do tradicional na literatura contemporânea.

Quero salientar que em todos estes contos se encontram excelentes retratos psicológicos, sobretudo dos adolescentes; que cada uma das histórias ilustra problemáticas fundamentais no desenvolvimento da personalidade e que os pormenores das ilustrações das capas dos livros (de João Miguel Ribeiro) ajudam a sintetizar:

1. A procura do eu, sem que dependamos da imagem, que o espelho dos outros por vezes pretende impor-nos.

2. A importância das relações interpessoais e do respeito pelos outros numa vida em que temos de partilhar, sobretudo em contextos diferentes daqueles a que estamos habituados.

3. A conquista da autonomia pela coragem e a conquista da auto-confiança por nós próprios, mas também pelo sentimento de pertença a uma família, comunidade, etc..

4. A aceitação do que somos, a descoberta de diferentes formas de vida – o que se pode traduzir até na diferença entre pequenos gestos – como a forma de pegar num chocolate... o que ele representa ou pretende compensar, como substituto ...

De salientar ainda:

5. A importância da amizade (que pouco explorei em *O gorro vermelho*, mas que é muito significativa na relação entre Joel e Sofia); a insegurança da sociedade contemporânea, onde os lobos assumem várias formas (teoricamente, a figura humana masculina deveria proteger Sofia e não ameaçá-la) – é, então, importante, dar ouvidos a quem já viveu muito e sabe que muita coisa se repete.

Esta imagem da capa deste livro deixa-nos uma sensação de desamparo – as sombras que perseguem a jovem são de um lobo e de um homem. E a “floresta” das casas não é menos assustadora do que a floresta de árvores do Capuchinho Vermelho. Diria que a ambiguidade e perversidade desta história a distancia de um conceito, ainda que de fronteiras fluidas, de Literatura Infantil.

O desenlace das situações foge, assim, umas vezes ao estereótipo, outras ao “falso final feliz” que a tradição mais recente nos habituou a esperar, possibilitando o desenvolvimento do espírito crítico dos jovens leitores.

Termino salientando que valorizo sobretudo a lufada de ar fresco que estas atualizações trazem aos contos tradicionais, não no sentido de passar estes para segundo plano, mas sim de comprovar as suas potencialidades de recriação.

Referências bibliográficas

Obras de Ana Saldanha

- ▶ *Um espelho só meu*, Lisboa, Caminho, 2002
- ▶ *O gorro vermelho*, Lisboa, Caminho, 2002
- ▶ *Uma casa muito doce*, Lisboa, Caminho, 2003
- ▶ *Nem pato, nem cisne*, Lisboa, Caminho, 2003
- ▶ *A princesa e o sapo*, Lisboa, Caminho, 2004